



A maldição do petróleo

Síntese: *As expectativas criadas em torno da descoberta do pré-sal ainda não se confirmaram, passados mais de quatro anos desde que as novas reservas tornaram-se conhecidas. As políticas impostas pelo governo petista ao setor resultaram em maiores gastos com combustíveis importados, menor ritmo de expansão da produção interna de petróleo e dificuldades crescentes para o desempenho da Petrobras, usada como instrumento de controle de preços. O investimento privado em exploração patina, à espera de novas rodadas de licitação pela ANP, e a expansão do setor sucroalcooleiro também se vê prejudicada pelo congelamento imposto aos combustíveis fósseis.*

Pouco mais de quatro anos atrás, o país foi informado da existência de imensas reservas de petróleo em suas águas ultraprofundas. A descoberta do pré-sal foi apresentada com pompa à nação como passaporte que qualificaria o Brasil para acelerar seu desenvolvimento e encurtar a distância que ainda nos separa do mundo rico. Até hoje, porém, quase nada do que se previu aconteceu: tornamo-nos mais dependentes de combustíveis trazidos do exterior, a expansão da produção nacional de petróleo perdeu vigor e a Petrobras passou a exibir resultados decepcionantes, vendo seu valor de mercado ser dilapidado em razão de medidas adotadas pelo governo petista.

Até mesmo a autossuficiência brasileira em petróleo, propalada pela gestão Lula, acabou arranhada. Hoje, assim como ocorreu nos últimos quatro anos, o país vende mais óleo cru do que importa, mas no comércio de derivados a situação é diametralmente oposta, com tendência a piorar. No ano passado, o déficit nas transações com derivados foi de US\$ 9,9 bilhões. Com isso, a balança comercial de petróleo como um todo foi levada a um rombo de US\$ 2,3 bilhões, pondo fim à série de saldos positivos registrados até 2010.

O país tem tido de importar cada vez mais produtos como gasolina, óleo diesel e querosene de avião por duas razões: primeiro, sua capacidade de refino está estacionada há anos; segundo, a política de preços imposta pelo governo à Petrobras desincentiva o uso de etanol nos motores nacionais e catapulta o consumo de combustíveis fósseis. Para evitar o desabastecimento, a saída tem sido trazer os produtos de fora: em 2011, a importação de gasolina, por exemplo, que historicamente sempre foi irrisória, cresceu 333%, para 13,8 milhões de barris.

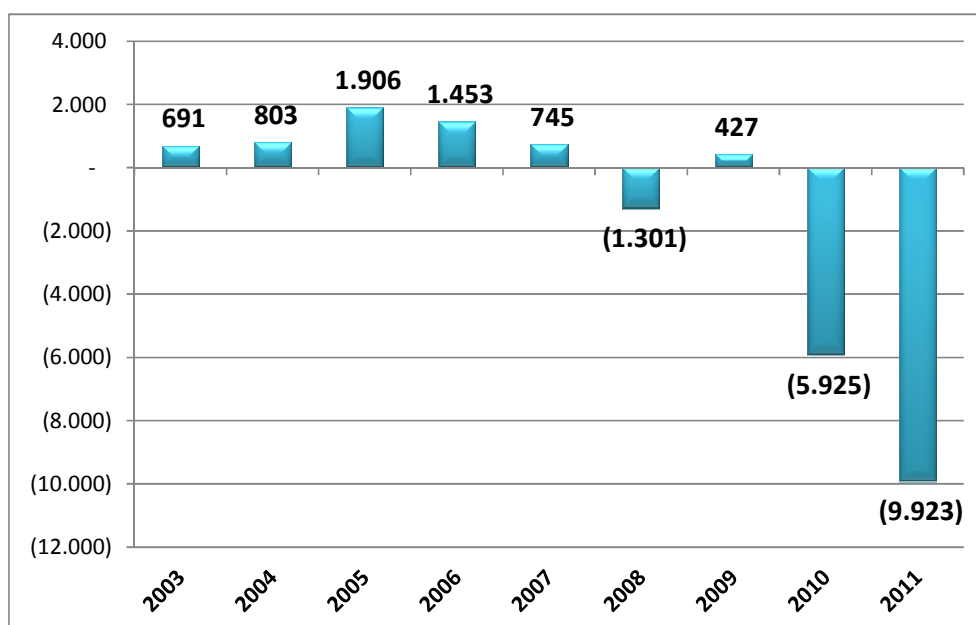
Populismo irresponsável

Não há perspectiva de que o quadro mude neste ano. Os investimentos da Petrobras em novas refinarias não estão avançando no ritmo previsto. O caso mais gritante é o da Abreu e Lima, em Pernambuco, ainda às voltas com o calote dado pela venezuelana PDVSA, que deveria ser sócia no projeto, mas até hoje não pôs um centavo na obra. Neste ínterim, o valor do empreendimento simplesmente triplicou. Na melhor das hipóteses, antes de 2013 o país não conseguirá livrar-se das limitações em refino.

Já a política de preços da Petrobras segue inabalável, tendo conduzido a maior companhia brasileira a péssimos desempenhos nos últimos anos. Com os valores que cobra das distribuidoras praticamente congelados desde 2009, a empresa perde muito dinheiro ao ter que importar combustível para abastecer o país e pagar por ele muito mais do que pratica internamente. A defasagem oscila atualmente ao redor de 20%. Em 2011, o prejuízo da estatal foi de R\$ 7,9 bilhões. Neste ano, se nada mudar, estima-se que a perda se repita e alcance R\$ 6,1 bilhões.

Durante os mais de sete anos que passou à frente da Petrobras, José Sergio Gabrielli não conseguiu mudar a fórmula populista adotada pelos governos Lula e Dilma para os combustíveis a fim de segurar a inflação – sem esta ajuda, o risco de descontrole geral de preços teria sido ainda mais considerável. Na última hora antes de transferir o cargo para Maria das Graças Foster, ele animou-se a defender o descongelamento. A nova presidente da companhia também já deu mostras de que pode topar comprar a briga; quando, ainda não se sabe.

Balança de derivados de petróleo (em US\$ milhões)



Fonte: Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP)

Ganhos em declínio

A Petrobras acusou o estrago que a política do governo federal para os preços internos dos combustíveis vem causando a seu balanço, com considerável prejuízo para seus acionistas – entre eles, centenas de milhares de trabalhadores cotistas do FGTS. No último trimestre do ano passado, a petroleira viu seu lucro líquido cair 52% e encerrou o exercício com ganho de R\$ 33,3 bilhões, equivalente a uma queda de 5% em relação ao resultado de 2010. Na comparação com suas principais concorrentes globais, a Petrobras foi a que pior se saiu. Além disso, foi, em todo o mundo, a segunda companhia que mais perdeu valor de mercado em 2011: evaporaram US\$ 72,4 bilhões.

A situação atual de declínio da maior empresa brasileira difere muito daquela vivida quando a Petrobras teve de se lançar com vigor à disputa de mercado após a quebra do monopólio do petróleo. Entre 1997 e 2002, a produção da

companhia cresceu a uma média anual de 9,6%. Desde então, a despeito de o investimento da companhia ter se acelerado bastante, o ritmo diminuiu para 3% ao ano. Em 2011, o volume extraído pela estatal aumentou apenas 0,9%, enquanto toda a produção nacional de petróleo – que também contempla as concorrentes privadas – subiu 2,5%. Em ambos os casos, foi a menor expansão desde 2007.

Pré-sal adormecido

As dificuldades da Petrobras colaboram para manter o pré-sal como uma riqueza praticamente intocada: atualmente, apenas 7,6% da produção nacional sai das reservas gigantes situadas a 7 mil metros de profundidade. A empresa tem tido problema para levar adiante seu plano de investimentos, que prevê gastos de US\$ 224,7 bilhões até 2015. No último ano, realizou 14% menos que o previsto em seu planejamento.

Uma das razões é a dificuldade em contratar fornecedores locais, exigência de uma política de governo que tem se mostrado equivocada para momentos de escassez de insumos e mão de obra como o atual. Outra é a dispersão de esforços: por decisão política, a empresa também está se lançando na fabricação de etanol, ao mesmo tempo em que sua estrutura de preços sufoca e constrange o investimento privado na expansão do setor sucroalcooleiro.

Na realidade, a Petrobras adernou mesmo a partir da introdução do novo modelo de exploração de petróleo e da megaoperação de capitalização da empresa, ocorrida em agosto de 2010. A obrigatoriedade de participar de todos os consórcios que explorarão as reservas ultraprofundas, imposta pelas regras do regime de partilha adotado pelo governo do PT, revelou-se um obstáculo aos planos de expansão da companhia, que não tem tido fôlego para investir e avançar. Como subproduto, também vem travando o crescimento do setor no país: as licitações de novas áreas estão suspensas pela Agência Nacional do Petróleo desde 2008, limitando o investimento privado.

O petróleo pode vir a ser uma poderosa alavanca de desenvolvimento e de geração de bem-estar para a população. Desde, porém, que sua exploração seja orientada no sentido de obter os melhores resultados para o país e não a alimentar políticas equivocadas que têm se mostrado nocivas ao interesse nacional. Da mesma forma, a Petrobras é um patrimônio resguardado por todos os brasileiros que não pode correr o risco de ver-se arruinado pela depredação político-partidária. Mas, na situação atual, a dádiva que dorme no pré-sal está se mostrando uma maldição.



“Brasil Real - Cartas de Conjuntura ITV” é uma publicação mensal do Instituto Teotônio Vilela.

INSTITUTO TEOTÔNIO VILELA – www.itv.org.br

Instituto Teotônio Vilela . Senado Federal Anexo 1 – 17º andar – Sala 1707 . CEP 70.165-900 . Brasília – DF . Tel.: (61) 3311-3986 / 3311-4338 / 3224-5282 / 3323-7990 . Fax: (61) 3311-3891 . itv@itv.org.br